

ELA CRIAVA CODORNAS NA GARAGEM. Não seria uma garagem pelo plano original da Cohab, mas a vizinhança acordou que aquele era o espaço dos carros e demarcou quarenta vagas, uma por apartamento. Pagou um conhecido para subir paredes e um telhadinho de Brasilit. Colocou o poleiro lá dentro e começou a vender os ovos.

Moramos nesse apartamento de cinquenta e seis metros quadrados entre 1987 e 1999, mas não tivemos codornas todo esse tempo. Assim como dona Ana e seu Ivo, do segundo andar, não tinham galinhas na lavanderia em todo o período em que moraram na Cohab.

Dentro do nosso apartamento não tinha bicho. A vó tinha o quarto dela, o tio dormia na sala, eu e minha mãe dividíamos quarto e cama de casal. De noite, o tio levava um colchão para a sala. Ao acordar, recolocava debaixo da cama de solteiro Giorgio Nicoli da vó Polu.

O banheiro tinha vaso sanitário e chuveiro. A pia ficava do lado de fora, o que facilitava bem. Na cozinha, tínhamos armários comprados nas Casas Bahia, fogão e a geladeira amarela que minha mãe ganhou de casamento. Na lavanderia ficava a

geladeira branca que era da vó antes de morarmos todos juntos, um armário sempre abarrotado de arroz, feijão, farinha; tanque, máquina de lavar que pouco era usada, varal e infinitas plantas. Mal se podia andar, tantos eram os vasos no chão e no teto. Eu reclamava da floresta amazônica e criticava vó Polu pelo exagero.

Em 2017, quando minha mãe entrou pela primeira vez no apartamento 24 bloco 1 da rua Cayowaa, não conseguia se mexer na varanda lotada de plantas.

— Dona Polu veio morar aqui?

SÓ QUANDO A CABEÇA TOMBOU PARA O LADO me dei conta de que ela tinha mesmo morrido. A máscara de oxigênio, que nos dias anteriores aumentava a saturação do corpo, silenciando o aparelho, não surtiu efeito dessa vez. Olhei ao redor e percebi que éramos só eu e ela. A enfermeira estava tão nervosa quando a respiração piorou, que pedi para telefonar para a médica do *home care* buscando instruções. Sabia que não adiantaria de nada, mas a ocupação tiraria o medo da sala. Éramos só eu e ela.

Uma tranquilidade prazerosa me tomou. Da cabeça irradiou para os braços e pernas. Minha respiração acalmou e tudo ficou mais iluminado, como se alguém tivesse aumentado o brilho da tela que não existia. Eu estava ao lado dela, como ela esteve do meu por quase dezenove anos. Do que veio depois, pouco lembro. Apenas que tudo era muito, especialmente as palavras. Muitas palavras que diziam coisa nenhuma. Pelo menos para mim. E para ela, que já não ouvia mais nada.

Inveja. A morte ainda me parecia um grande alívio. Imaginava não precisar mais levantar. Não ter de me mexer no tabuleiro de atribuir sentido a terem encapado a terra com asfalto e reclamar de enchente, a trabalhar catorze horas por dia para

pagar juros e acumular tralhas, a ser convidada a me entupir de remédios que desequilibram o corpo em busca de saúde. Apenas acabar. Sem o drama do suicídio ou do assassinato com um tiro na cabeça. Morrer por insuficiência respiratória, no quarto de casa, aos oitenta e quatro anos de idade, tendo percorrido todo o tabuleiro com louvor. Invejei vó Polu.

Foram tantos anos ouvindo histórias do rio São Francisco, do centro de São Paulo, da Vila Gustavo, contadas a mim, a estranhos no metrô, a vizinhas de quem falava bem pela frente e mal pelas costas, que posso ouvir a voz firme da vó Polu quando sento para escrever sobre ela.

MEU NOME É APOLINÁRIA, mas sempre me chamaram Polu. Sou baiana. Nasci em Tabocas do Brejo Velho, mas fui criada em Sítio do Mato, na beira do São Francisco, na Lapa do Bom Jesus, lugar de romeiro. Os antigos diziam que eu nasci em 1919, mas no registro está marcado 1925. Fui criada sem pai, sem mãe e sem irmão.

Cheguei em São Paulo em 1946. Vim pra um tratamento médico na Santa Casa de Misericórdia. O doutor achou graça eu querer limpar o quarto e lavar bem o banheiro antes de ser internada. Mas eu não era besta de ficar naquela sujeira. Das cinco vezes que fui operada, deixei tudo limpo antes da internação. Arrastava cama, jogava cândida, chega ficava branquinho.

É que eu gostava de um moço quando era nova, mas casei com o pai dele. Tive um filho que morreu bebezinho, ê em. Adoecei e vim me tratar em São Paulo. Quando tive notícia de que o velho morreu, não voltei mais. Aqui fiquei. E conheci o Sabino, dez anos mais novo. Casei com ele, tive dois filhos. Uma me deu muita alegria e o outro tirei até sangue de tanto bater, mas não adiantou. Bebeu que perdeu o emprego no Bradesco.

Eu só tenho a agradecer a Deus pela vida que tenho hoje. Minha casa, a pensão que sai direto do salário do Sabino todo mês. O juiz que mandou, quando ele quis tirar as crianças de mim. Faz-se besta. Quis ir no juiz pra tirar meus filhos e teve foi que pagar pensão. E o juiz ainda deu um sermão no catru-mano. Cuido das minhas plantas, das minhas codornas e vivo em paz até o dia que Deus chamar.

A PELE PRETA BEM ENRUGADA, principalmente no pescoço, era a mesma desde que nasci, em 1984, até sua morte, em 2003. Eu estava no primeiro ano da faculdade. Antes do *home care*, naquele mais de um mês de hospital, com semanas de UTI, ela fazia questão de anunciar para enfermeiras, faxineiras e quem mais se aproximasse que tinha uma neta médica.

— Vó, eu não sou médica. Sou estudante. E estudo ciências sociais e jornalismo.

— Então. Estuda ciência, é médica. Pelo menos uma coisa boa aquele analfabeto fez. Minha fia na USP.

— Vó, eu não estudo medicina na USP, estudo ciências sociais. O Lula não é analfabeto e eu passei no vestibular antes da eleição.

— Analfabeto sim, como eu. Onde já se viu analfabeto presidente? Ainda bem que o único voto que dei na vida foi pro Getúlio. Que homem bom.

Não adiantava corrigir ou explicar. Para ela, ou ciências sociais era ciência e cientista era médico mesmo, ou se fazer de desentendida era um caminho para ser bem tratada no hospital. A vida toda performou ignorância ou sabedoria, dependendo do objetivo, construindo toda forma de discurso.

Como era boa de discurso. De conversa não, porque pouco ouvia. Mas de disparar a falar sem pausa, ignorando perguntas, disparando verdades e histórias da própria vida. Sempre permeada por contradições que não podiam ser contestadas.

Empostava a voz para cobrar candidato que ia pedir voto na Cohab, com padre ou pastor que julgasse suas faltas na igreja, com médico que deixava de explicar o que ela queria entender.

— O senhor pensa que eu sou besta? Só por que não tenho estudo?

Ter sido educada por ela, enquanto minha mãe passava quatro horas por dia no transporte público e outras nove no telefone de uma multinacional, vendendo prego e parafuso, me forjou. Conto de fadas? Aviãozinho pra comer? Coisa de novela e motivo de piada. Criança nunca foi tão importante. É só dar feijão e esperar crescer.

O RAIOS DO DIA ENTRAVA PELA JANELA e eu levantava. A primeira coisa era acender o fogão. Se o pau fosse novo ou tivesse um pouco molhado, o fogo demorava a pegar. Preparava o beiju, o cuscuz de milho, o fofão e fazia o café sem gastar muito pó, nem muito açúcar. A madrinha sempre repetia que precisava levar muita mandioca pra feira pra voltar com um punhadinho de café, açúcar, sal e querosene. Tinha que economizar.

Eu botava a água pra ferver no bule de ágata que ela ganhou da mãe. Gostava de ouvir o borbulhar antes de mexer em círculos o filete que caía, cheirando o café. Botava a xicrinha de São Benedito, rogando que nunca faltasse comida. Só depois de tudo pronto ia fazer minhas necessidades e lavar o rosto no rio.

Caminhava devagar, não tinha pressa pra ir nem pra voltar. Começava a limpar o chão, pregar uma roupa furada, recolher os panos pra lavar. Se tinha criança, levava comigo pro rio. Se não, ficava mais livre pra conversar e cantar.

Eu esfregava bem as roupas e botava pra quarar. O povo dizia que minha mãe também deixava a roupa assim, alvinha. Isso não posso dizer, porque mal lembro dela. Tinha por nome Honorata. Ou Honorata era o nome que meu pai deu quando

foi caçada no mato. Era índia. Tinha um cabelão liso, comprido, diferente desse meu pixaim. Não tenho muita lembrança dela. Dizem que morreu na minha idade de cinco anos. Meu pai me deu pra madrinha criar quando caiu no mundo. Antes assim. Na madrinha eu tinha comida, ensinamento dos mais velhos e um canto pra dormir atrás da porta, na esteira de palha.

A VIZINHA SÓ IA ACENANDO COM A CABEÇA. Conhecia Polu há tempo o bastante para saber que não era para interromper. Mas os olhos da amiga, que também veio do Nordeste para a periferia de São Paulo nos idos de 1950, brilhavam com o rumo da história, um ou outro sorriso aparecia, mostrando que ela gostava de ouvir e se identificava com aqueles detalhes.

Do prédio todo, com quarenta apartamentos, vinte em cada bloco, eu era a única criança que não frequentava a escola pública. Um status que pesava desde que a professora da EMEI chamou meus pais e recomendou que se esforçassem para pagar uma escola melhor para mim. Nas palavras repetidas pela minha mãe: “Não dava para puxar. Muitas crianças nem tinham o que comer em casa, não conseguiriam acompanhar”.

Foi então que meu pai me levou para conhecer duas escolas. A primeira, de freiras, pareceu sombria e sisuda. A segunda, com nome de santo, tinha duas menininhas mais velhas, de mãos dadas, que sorriram e acenaram, acolhedoras.

— Pai, prefiro a São Judas.

Foram nove anos copiando a lousa e achando tudo duvidosamente fácil.

As boas amigas de infância não seguiram próximas na adolescência. Nos afastamos quando uma confessou que o pai a proibia de brincar na minha casa porque o conjunto habitacional era perigoso, e quando a outra passou a olhar com mais piedade que amizade depois do tiro na cabeça do meu pai. Pouco importava, eu ia bem sozinha.

Sozinha, aliás, era o meu estado. Eu era a intersecção dos vários conjuntos. Tinha a escola e o prédio. Universos incompatíveis pelo desprezo de umas e o medo de outras. Tinha a casa da mãe e a do pai. Em uma, dinheiro contado para uma pizza por mês e muita preocupação em fazer tudo direito, na outra, roupa da Pakalolo, mala de dólar escondida debaixo da cama e um .38 que eu sempre encontrava, por mais que meu pai tentasse esconder.

Quando eu estava com meu pai, cada vez que a gente cruzava com um carro de polícia, minha barriga gelava e eu ouvia a voz da minha mãe ou da minha vó dizendo que ele fazia uma coisa ilegal, que o jogo de bicho era proibido. Passar em frente ao Carandiru também era um pesadelo. Eu rezava com fervor pelas filhas daqueles presos.

Mas, sem policial ou presídio, era uma diversão. Eu gostava de ir com ele recolher a corujinha — que até hoje não sei o que é exatamente —, ficava no carrão — porque naquela época ele sempre tinha um carrão —, espiando de longe a entrada em uma floricultura com poucas plantas ou em uma banca de jornal só com revistas velhas, e a saída com um envelope volumoso.

Nesse tempo, era divertido ter tantas vidas dentro da minha. Receber Nossa Senhora de Fátima com novena na casa da minha mãe antes ou depois de ir com ela ao centro espírita; samba animado com direito a beber a espuminha da cerveja de vários copos na casa do meu pai. A regra que eu mesma defini era não contar de um lado o que acontecia do outro. Cada momento tinha sua diversão e ela era só minha.

Tinha muita brincadeira no chão de terra batida do prédio, dentro dos apartamentos onde as mães permitiam farrear, nos campinhos de futebol, na catequese e nas aulas de dança do centro comunitário. E principalmente nas aventuras com o tio Haroldo.

Vila Sabrina — Praça do Correio, linha 1156 ou 2181. Do ponto final, no centro da cidade, íamos à biblioteca Mário de Andrade, que ele me apresentou quando as do Parque Edu Chaves e da Vila Maria já não tinham tudo o que eu desejava ler.

— Colônia Cecília, tio. Uma experiência anarquista do século 19 que conheci pela Zelia Gattai. Preciso saber mais da Colônia Cecília e não tem nada na biblioteca da escola nem nessas outras aonde o senhor me levou.

— Tem uma biblioteca grande lá na cidade. A gente vai lá, tá bom?

Íamos também para a Praia Grande todo mês de julho. O 1156 ou o 2181, metrô até o Jabaquara, ônibus até a Cidade Ocian. Pão com mortadela ao acordar, arroz, sardinha em lata e suco de pozinho sabor guaraná no almoço e na janta. Dominó ou Mau Mau se chovesse.

Nos dias de pouco ou muito sol, caminhávamos as sete quadras da casa até a estátua de Iemanjá descalços, eu de maiô e ele de sunga. A gente não levava nada pra praia, nem toalha, nem chinelo, muito menos dinheiro, pra entrar no mar sem a preocupação de sermos roubados. Pedíamos licença — Odoyá — e passávamos horas conversando e brincando na água.

Também em julho íamos os quatro a Aparecida do Norte. O 1156 ou o 2181 até a rodoviária do Tietê, quando ainda estava escuro. Igreja velha, igreja nova, sala dos milagres, lembrancinha pras vizinhas. Pausa pro pão com patê de sardinha que minha mãe preparava antes de sair de casa e o guaraná de cada um. Os trajetos eram de risada e histórias.